

Exame Final Nacional de Português

Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2025

12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 62/2023, de 25 de julho

Entrelinha 1,5 sem figuras

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

11 Páginas

VERSÃO 1

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As citações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 51 a 53 do Canto IV de *Os Lusíadas*, e as notas.

- Est. 51 «Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na suma alteza,
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza.
- 5 Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em Fortuna (1) haver firmeza (2)?
Pois inda neste Reino e neste Rei
Não usou ela tanto desta lei?
- Est. 52 «Viu ser cativo o santo irmão Fernando (3)
- 10 (Que a tão altas empresas aspirava),
Que, por salvar o povo miserando
Cercado, ao Sarraceno (4) se entregava.
Só por amor da pátria está passando
A vida, de senhora feita escrava,
- 15 Por não se dar por ele a forte Ceita (5).
Mais o público bem que o seu respeita.
- Est. 53 «Codro (6), por que o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Régulo (7), por que a pátria não perdesse,
- 20 Quis mais a liberdade ver perdida.
Este, por que se Espanha não temesse,
A cativo eterno se convida!
Codro, nem Cúrcio (8), ouvido por espanto,
Nem os Décios (9) leais, fizeram tanto.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*.

NOTAS

- (1) Fortuna – Destino; Sorte.
- (2) firmeza – constância; estabilidade.
- (3) Fernando – D. Fernando (1402-1443) foi capturado pelos mouros durante o cerco de Tânger, em 1437. Como o seu irmão, o rei D. Duarte, recusou a entrega de Ceuta em troca da sua libertação, o Infante acabou por falecer ao fim de anos de cativo.
- (4) Sarraceno – Mouro.
- (5) Ceita – Ceuta.
- (6) Codro – último rei de Atenas, que evitou o triunfo dos dórios quando estes invadiram a Ática, entrando disfarçado no campo inimigo e deixando-se matar.
- (7) Régulo – cônsul romano que, prisioneiro dos cartagineses, foi por estes enviado a Roma para propor a paz. Heroicamente, aconselhou os romanos a resistirem e voltou a Cartago, onde foi morto.
- (8) Cúrcio – romano que se atirou a um abismo existente no Fórum, para, com o sacrifício da sua vida, salvar a pátria.
- (9) Décios – ilustres romanos que se sacrificaram pela pátria.

Item obrigatório

1. Refira a opinião do narrador sobre o reinado de D. Duarte, tendo em conta duas ideias expressas na estância 51.

Item obrigatório

2. Releia as estâncias 52 e 53.

Explicite duas características de D. Fernando, fundamentando a sua resposta em informações presentes nas estâncias mencionadas.

3. Complete as afirmações abaixo apresentadas, selecionando a opção adequada a cada espaço.

Na folha de respostas, registre apenas as letras – **a)** e **b)** – e, para cada uma delas, o número que corresponde à opção selecionada.

No texto, estão presentes vários recursos expressivos, frequentemente utilizados em *Os Lusíadas*. Por exemplo, na estância 53, o narrador utiliza como estratégia discursiva o recurso à**a)**....., a fim de**b)**..... .

a)

1. apóstrofe
2. sinestesia
3. enumeração

b)

1. sobrepor os feitos dos heróis da Antiguidade às ações de D. Fernando
2. reforçar o carácter extraordinário das ações do Infante D. Fernando
3. provar que as ações de D. Fernando e as de outros heróis enfatizam a efemeridade da vida humana

PARTE B

Leia o poema e as notas.

D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL (1)

- Deu-me Deus o seu gládio (2), por que eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu (3) em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
5 Por sobre a fria terra.
- Pôs-me as mãos sobre os ombros e doirou-me
A fronte (4) com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome
10 Dentro em mim a vibrar.
- E eu vou, e a luz do gládio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
15 Maior do que a minha alma.

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas Sobre Portugal*.

NOTAS

- (1) D. Fernando, Infante de Portugal – D. Fernando (1402-1443), irmão do rei D. Duarte.
(2) gládio – espada curta, de dois gumes.
(3) Sagrou-me seu – Escolheu-me.
(4) fronte – testa.

Item obrigatório

4. Explique em que medida as ações de Deus transformam o sujeito poético num instrumento da vontade divina.

Na sua resposta, comece por indicar as ações de Deus.

Item obrigatório

5. Releia os versos de 8 a 15.

Descreva, com base em dois aspetos pertinentes, o estado de espírito do sujeito poético face à vontade divina.

6. As afirmações seguintes referem-se à obra *Mensagem*.

- A. O Sebastianismo constitui um eixo temático fundamental de *Mensagem*.
- B. A mitificação de personagens da História de Portugal assume grande relevo na obra, em particular, na primeira parte.
- C. A força anímica dos heróis leva-os a agir, independentemente do esforço exigido.
- D. Constata-se a presença de um apelo aos outros portugueses para que prossigam e concretizem a ambição do sujeito poético.
- E. De um modo geral, os poemas de *Mensagem* são curtos e valorizam aspetos como o ritmo e a rima.

Identifique as **três** afirmações que podem ser comprovadas através da leitura do poema «D. Fernando, Infante de Portugal».

Escreva, na folha de respostas, o número do item e as três letras que correspondem às afirmações selecionadas.

PARTE C

Item obrigatório

7. Embora os textos da Parte A e da Parte B incidam sobre o mesmo herói, existem diferenças significativas no modo como a figura de D. Fernando é apresentada.

Escreva uma breve exposição na qual distinga esses textos, no que diz respeito à predominância de características líricas ou épicas.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema na qual identifique a obra em que predominam características líricas e a obra em que predominam características épicas;
- um desenvolvimento no qual explicita um traço distintivo do discurso lírico e um traço distintivo do discurso épico, fundamentando cada um deles com transcrições pertinentes;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto e as notas.

O texto constitui um excerto do discurso «O que é amar um País», proferido por D. José Tolentino Mendonça no Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em 10 de junho de 2020.

É uma bela tradição da nossa República, esta de convidar um cidadão a tomar a palavra neste contexto solene para assim representar a comunidade de concidadãos que somos. É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país, àquelas e àqueles que dia a dia o constroem, suscitam, amam e sonham, que dia a dia encarnam Portugal onde quer que Portugal seja: no território continental ou nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira, no espaço físico nacional ou nas extensas redes da nossa diáspora (1). Se interrogássemos cada um, provavelmente responderia que está apenas a cuidar da sua parte – a tratar do seu trabalho, da sua família; a cultivar as suas relações ou o seu território de vizinhança –, mas é importante que se recorde de que, cuidando das múltiplas partes, estamos juntos a edificar o todo. Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele. Pois quando arquitetamos uma casa não podemos esquecer que, nesse momento, estamos também a construir a cidade. E quando pomos no mar a nossa embarcação não somos apenas responsáveis por ela, mas pelo inteiro oceano. Ou quando queremos interpretar a árvore não podemos esquecer que ela não viveria sem as raízes.

Pensem no contributo de Camões. Camões não nos deu só o poema. Se quisermos ser precisos, Camões deixou-nos em herança a poesia. Se, à distância destes quase quinhentos anos, continuamos a evocar coletivamente o seu nome, não é apenas porque nos ofereceu, em concreto, o mais extraordinário mapa mental do Portugal do seu tempo, mas também porque iniciou um inteiro povo nessa inultrapassável ciência de navegação interior que é a poesia. A poesia é um guia náutico perpétuo; é um tratado de marinhagem para a experiência oceânica que fazemos da vida; é uma cosmografia da alma. Isso explica, por exemplo, que *Os Lusíadas* sejam, ao mesmo tempo, um livro que nos leva por mar até à Índia, mas nos conduz por terra ainda mais longe: conduz-nos a nós próprios; conduz-nos, com uma lucidez veemente, a representações que nos definem como indivíduos e como nação; faz-nos aportar – e esse é o prodígio da grande literatura – àquela consciência última de nós mesmos, ao quinhão daquelas perguntas fundamentais de cujo confronto um ser humano sobre a terra não se pode isentar.

Se é verdade, como escreveu Wittgenstein, que «os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo», Camões desconfinou Portugal. A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar

isso. Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro (2) mestre da arte do desconfinamento. Porque desconfinar não é simplesmente ocupar de novo o espaço comunitário, mas é poder, sim, habitá-lo plenamente; poder modelá-lo de forma criativa, com forças e intensidades novas, como um exercício deliberado e comprometido de cidadania. Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção, que a todos diz respeito. É não se conformar com os limites da linguagem, das ideias, dos modelos e do próprio tempo. Numa estação de tetos baixos, Camões é uma inspiração para ousar sonhos grandes.

José Tolentino Mendonça, *O Que É Amar Um País*.

NOTAS

(1) diáspora – dispersão de um povo ou de uma comunidade no mundo.

(2) preclaro – ilustre.

Item obrigatório

1. Na primeira parte do discurso, José Tolentino Mendonça dirige-se «às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 3 e 4), na medida em que são estes que
 - a) constituem a pátria, ao ocupar na sua totalidade o território nacional.
 - b) constroem relações com o território vizinho, alargando os limites da nação.
 - c) constituem as «raízes» de Portugal, preservando as tradições da República.
 - d) constroem a sociedade como um todo, ao desenvolver a sua ação individual.

2. Na opinião do autor, expressa no segundo parágrafo, a poesia
 - a) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos liberta do conhecimento do Portugal quinhentista.
 - b) tem a capacidade extraordinária de estimular o questionamento e a descoberta de si e do mundo.
 - c) é uma herança prodigiosa de Camões, porque nos continua a guiar nas viagens por mar e por terra.
 - d) tem a capacidade extraordinária de despertar a veia de marinheiro que há dentro de cada português.

Item obrigatório

3. Ao afirmar que «Camões desconfinou Portugal no século XVI e continua a ser para a nossa época um preclaro mestre da arte do desconfinamento» (linhas 31 e 32), o autor associa ao sentido de «desconfinamento» ideias como
- a) independência e protagonismo político.
 - b) bem-estar e satisfação pessoal.
 - c) ousadia e responsabilidade social.
 - d) conformismo e poder individual.

Item obrigatório

4. A única frase em que estão presentes deícticos pessoais e temporais é
- a) «Desconfinar é sentir-se protagonista e participante de um projeto mais amplo e em construção» (linhas 35 e 36).
 - b) «Cada português é uma expressão de Portugal e é chamado a sentir-se responsável por ele.» (linhas 10 e 11).
 - c) «É nessa condição, como mais um entre os dez milhões de portugueses, que hoje me dirijo às mulheres e aos homens do meu país» (linhas 2 a 4).
 - d) «A quem tivesse dúvidas sobre o papel central da cultura, das artes ou do pensamento na construção de um país, bastaria recordar isso.» (linhas 29 a 31).
5. A única oração subordinada substantiva completiva é
- a) «que dia a dia o constroem» (linha 4).
 - b) «que ela não viveria sem as raízes» (linhas 14 e 15).
 - c) «que fazemos da vida» (linha 22).
 - d) «que nos definem como indivíduos e como nação» (linha 25).
6. Todas as expressões desempenham a função sintática de complemento do nome, **exceto**
- a) «de forma criativa» (linhas 33 e 34).
 - b) «de Camões» (linha 16).
 - c) «de nós mesmos» (linha 26).
 - d) «de Portugal» (linha 11).

Item obrigatório

7. A frase «A poesia é um guia náutico perpétuo» (linhas 20 e 21) apresenta

- a) um valor perfeito.
- b) uma situação habitual.
- c) um valor imperfeito.
- d) uma situação genérica.

Item obrigatório

GRUPO III

Para uns, é o indivíduo que faz a sociedade; para outros, é a sociedade que faz o indivíduo.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre o conteúdo da afirmação.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito);
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2025/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas aos 10 itens seguintes contribuem obrigatoriamente para a classificação final da prova.

Grupo I

Item 1..... 13 pontos

Item 2..... 13 pontos

Item 4..... 13 pontos

Item 5..... 13 pontos

Item 7..... 13 pontos

Grupo II

Item 1..... 13 pontos

Item 3..... 13 pontos

Item 4..... 13 pontos

Item 7..... 13 pontos

Grupo III

Item único 44 pontos

SUBTOTAL 161 pontos

Dos restantes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação (3 x 13 pontos).

Grupo I

Itens 3. e 6.

Grupo II

Itens 2., 5. e 6.

SUBTOTAL 39 pontos

TOTAL 200 pontos